

**A Casa do Carnaval foi inaugurada poucos meses depois que a iniciativa foi anunciada. Como foi dar conta de um projeto amplo num tempo tão curto?**

Quando recebi o convite, falei para o prefeito: “É impossível fazer um museu em três meses”. Pensei bastante e me perguntei: será que vou ter forças para fazer isso? Já fiz vários museus e sei o tamanho do trabalho envolvido num projeto desse. Só que ele me deu um check-mate e disse: “Para mim, só interessa se for assim”. Pensei que ia ter que chamar a Liga da Justiça para resolver a questão [risos], mas decidi fazer e embarcar no sonho. Vivemos tempos tão sem perspectiva no país que ter esse museu é uma luz. Acho que é bacana para todos os estados, vai contagiar muitos lugares. Moro no Rio de Janeiro e vejo como a cultura é tão pouco incentivada ali na cidade. Nesses dois últimos anos, estamos numa espécie de buraco.

**O projeto consegue dar conta de que contexto do Carnaval da Bahia?**

Esse projeto juntou duas coisas: primeiro, o conteúdo histórico, que é maravilhoso. E, segundo, a explosão visual que é o Carnaval, e é minha área. Na verdade, é um presente ser o tradutor de uma festa que, para mim, é a principal do Brasil. E, na Bahia, é o Carnaval de rua mais visceral, vem da alma das pessoas, digamos assim. Para mim, foi um prazer porque mistura visual, alegria, alto-astral o tempo todo. São só coisas para cima e que gosto mais. Prefiro mostrar esse lado luminoso das pessoas e da sociedade. Aqui, é o museu da alegria brasileira, já que tenta expressar a essência do Carnaval de Salvador. Começamos do desenvolvimento do Carnaval desde o Brasil Colônia até hoje em dia. O visitante vê conquistas, mudanças. É uma festa do povo que acentua as diferenças sociais de uma cidade ou país.

**E você já conhecia o Carnaval de Salvador?**

Esse vai ser o primeiro ano [risos]. Na verdade, sempre vim à Bahia quando comecei a ser convidado para trabalhar aqui. Todo mundo me chamava para pular. Já fiz trio para Carlinhos Brown, Daniela Mercury, vários camarotes, um monte de coisa, mas nunca vim no Carnaval. Fazia de longe. Tinha até medo do Carnaval da Bahia. Me diziam que engole você, tritura em pedaços. Sempre ficava meio em dúvida [risos]. Mas, agora, não tem jeito. Foi legal mer-



gulhar na festa através da história, conhecimento. Sempre gostei dessa coisa autêntica da rua. Aqui, é uma vibração da rua virar o palco de cada cidadão. Aqui, é um Carnaval efervescente que fica mudando toda hora.

**Sem essa vivência, foi muito importante pensar nos nomes da equipe que assinam a curadoria com você?**

A primeira coisa foi juntar o time. Pensei logo em Paulo Miguez [professor da Universidade Federal da Bahia e pesquisador da festa], com quem fiz a Casa de Jorge Amado. Sempre gosto de formar um grupo acadêmico forte para manter ao lado o embasamento de pessoas que conhecem bem aquele conteúdo. Paulo é um cara ligado à questão histórica da festa, numa abordagem humanística, além da paixão genuína pelo Carnaval. [O produtor e músico] Jonga Cunha é outra figura muito importante, mas já no desenvolvimento deste Carnaval contemporâneo: dos tempos do axé até agora. A gente precisava ter um panorama geral de todos esses artistas, apresentando o máximo de pessoas, mas não dá para contemplar todo mundo. Por

**O Museu do Carnaval: desafio de contar décadas de história da festa baiana em poucos meses**